



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Lee-Manoel Landgraf, Cristina; Morais Salum e, Maria de Lima; Raad Bussab, Vera Silvia; Otta,  
Emma  
Quem é Bom (e Eu Gosto) é Bonito: Efeitos da Familiaridade na Percepção de Atratividade Física em  
Pré-Escolares  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 271-282  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815205>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Quem é Bom (e Eu Gosto) é Bonito: Efeitos da Familiaridade na Percepção de Atratividade Física em Pré-Escolares

Cristina Landgraf Lee-Manoel <sup>1 2</sup>

Maria de Lima Salum e Moraes

Vera Sílvia Raad Bussab

Emma Otta

Universidade de São Paulo

---

### Resumo

O estudo procurou determinar a relação entre julgamentos de atratividade física, indicadores sociométricos e descrições comportamentais em pré-escolares. A atratividade das crianças foi avaliada por três adultas familiarizadas com as crianças, adultas que não as conheciam, por seus colegas e por elas próprias. Foram apuradas as escolhas positivas e negativas que a criança recebeu. As crianças julgaram o comportamento dos colegas dentro de quatro dimensões: alegria, agressivo; sociável/ isolado; colaborador/ perturbador. Para avaliar a autopercepção das crianças, aplicou-se o teste de Competência e Aceitação Social Percebidas para Crianças. Encontraram-se correlações significativas entre a atratividade física segundo adultas familiarizadas e segundo os colegas com escolhas positivas e com atribuições de descrições pró-sociais. Os resultados denotam ligações entre afeto, julgamento de atratividade e avaliações sociométricas estabelecidas em crianças de 5 anos, indicando que o efeito do estereótipo torna-se menor à medida que a quantidade de informação sobre a pessoa que está sendo julgada.

*Palavras-chave:* Atratividade física; escolhas sociométricas; características comportamentais; auto-percepção.

### Who is Good (and I Like) is Beautiful: Effects of Familiarity on Preschoolers' Perception of Physical Attractiveness

### Abstract

This study examined the correlation between preschool judgements of physical attractiveness, sociometric choices and behavioral descriptions of peers. Children's physical attractiveness was evaluated by three adults acquainted with the children, adults not acquainted with the children, peers and by the children themselves. Peer's behavioral descriptions were evaluated in terms of happiness; aggression/ not aggression; sociability/ withdrawal; and cooperation/ disturbance. The Pictorial Social Acceptance and Competence test was administered in order to evaluate children's self-perception. Significant correlations were found between adults acquainted with the children and peer's evaluations of physical attractiveness and sociometric choices. Results suggest well established connections among affective judgements and behavioral descriptions in 5 years old, showing that the stereotype effect decreases as the amount of information about the judged target increases.

*Keywords:* Physical attractiveness; preference by peers; behavioural characteristics; self-perception.

---

Os julgamentos interpessoais são freqüentemente influenciados por estereótipos. Esses, independentemente de estarem certos ou errados, fazem parte de um processo humano inevitável, constituindo-se numa espécie

a certeza (Berger & Calabrese, 1975). Para a utilizar qualquer pista informativa, no mesmo sentido, a aparência física é fonte de informação durante uma interação inicial.

Dion, Berscheid e Walster (1972) cunharam a expressão “quem é bonito é bom” para designar a tendência a atribuir diversas características positivas - como inteligência, sociabilidade e sucesso ocupacional - a pessoas consideradas atraentes, em detrimento daquelas apreciadas como pouco atraentes. Vinte anos depois desse artigo paradigmático, uma meta-análise feita por Feingold (1992), com base em 78 pesquisas que procuraram identificar os traços consistentemente associados à atratividade física, mostrou que pessoas tidas como atraentes são percebidas como mais sociáveis, dominantes, sexualmente calorosas, mentalmente saudáveis e socialmente habilidosas do que as vistas como pouco atraentes. Embora muitas provas atestem a existência da norma que diz “o que é belo é bom”, a atratividade física também pode ser associada a alguns traços indesejáveis, como vaidade, egoísmo e maior tendência a ter problemas conjugais (Dermer & Thiel, 1975; Wheeler & Kim, 1997). Esses trabalhos referem-se às primeiras impressões, em que juizes que não conhecem as pessoas atribuem a elas, através de fotos, características sócio-afetivas. Entretanto, à medida que as pessoas se familiarizam com as outras, existe a possibilidade de que características positivas afetem o julgamento de atratividade, criando o efeito “quem é bom é bonito”. Desconhecem-se estudos que tenham abordado essa problemática, principalmente considerando-se as avaliações de crianças.

O estereótipo da atratividade física também está presente nas impressões formadas por professores a respeito dos seus alunos. Crianças consideradas atraentes tendem a ser vistas como socialmente mais competentes, mais inteligentes e com maior potencial educacional em comparação com as julgadas pouco atraentes (Knapp & Hall, 1972/1999). Entretanto, na meta-análise de Feingold (1992), não se verificaram relações notáveis entre atratividade física e traços de personalidade como a sociabilidade, a dominância, a saúde mental e outros, com exceção de alguns atributos relacionados ao comportamento social.

Estudos com crianças têm demonstrado que atratividade

de desenvolver problemas de ajustamento futuro (Attili, 1990; Furnham, 1989; Hatz, 1996; Parke & cols., 1997; Rubin, 1997). Atratividade física está relacionada à rejeição física da criança pode ser considerada um traço negativo (quando não é considerada boa), ou de preferência (quando julgada boa) no desenvolvimento. De fato, traços anti-sociais são avaliados com mais cautela e considerados temporários quando apresentados em crianças vistas como pouco atraentes, enquanto a atratividade é considerado um traço permanente (Feingold, 1992; 1980; Cavior & Howard, 1973; Dion, 1972). Além disso, apenas os professores parecem interagir de maneira menos positiva com a criança pouco atraente. Atrativos na escola de ensino fundamental, seus companheiros reagem a ela de forma positiva (Knapp & Hall, 1972/1999).

Os julgamentos da aparência física são influenciados por uma série de fatores além da mera harmonia dos traços fisionômicos. Dentre os parâmetros que baseiam as pessoas em sua apreciação de beleza, além de outras, encontram-se também a forma do corpo (Queiroz & Otta, 1999), a maneira de se vestir e gestualizar (Andersen, 1999), a higiene e o quanto o conjunto e composição das partes se aproximam-se do ideal de beleza de determinado grupo, o que nos remete à cor/raça/etnia da pessoa avaliada. Assim, é importante que se considere esses aspectos na investigação da atratividade.

A base teórica que tem sido proposta para explicar possíveis diferenças entre pessoas consideradas atraentes tem sido o modelo da expectativa de reciprocidade e Jacobson (1968) levantaram questionamentos sobre as possíveis conseqüências das expectativas a respeito de seus alunos. Quando os professores são induzidos a acreditar que alguns alunos são mais adiantados na aprendizagem, descompartimentam-se as expectativas de reciprocidade.

O mecanismo pelo qual as expectativas baseadas no estereótipo podem influenciar o desenvolvimento da personalidade tem sido pouco discutido. Uma hipótese para a explicação do fenômeno é via efeito da expectativa sobre o autoconceito (Darley & Fazio, 1980). Por exemplo, se a expectativa em relação a um indivíduo é de que ele seja sociável, o comportamento dos outros pode influenciá-lo para que ele se torne uma pessoa sociável, induzindo-o gradualmente a internalizar a sociabilidade como parte de seu autoconceito e a se comportar de acordo com sua auto-imagem. A autopercepção de atratividade seria influenciada pela auto-estima global, de tal forma que pessoas que têm uma auto-estima elevada também se sentiriam fisicamente atraentes.

A representação positiva do eu é um indicador crítico do bem-estar e de satisfação pessoal e fator essencial para o funcionamento eficaz da criança e do adulto (Mussen, Conger & Kagan, 1973; Verschueren & Marcoen, 1999). Utilizamos no presente estudo medidas de auto-avaliação de competência e de aceitação social (Harter & Pike, 1983), bem como de características comportamentais e de atratividade física. Franco e Levitt (1998) sintetizam uma série de estudos que mostram a função do apoio social na proteção da auto-estima. Segundo Harter (1999), o apoio, na forma de aceitação e aprovação dos pais - e não dos companheiros -, é uma fonte importante de auto-avaliação para crianças pequenas, enquanto, para as mais velhas, a aprovação dos companheiros é a que mais contribui para sustentar o autoconceito. Entretanto, como Mussen e colaboradores (1973) relatam, a imagem que a criança tem de si influi na maneira como os companheiros reagem a ela.

Embora haja evidências no sentido de que um autoconceito positivo seja mais influenciado pelo suporte familiar em crianças de quatro a cinco anos, interessou-nos examinar a relação entre autopercepção e avaliação de atratividade física, pois supomos que, mesmo antes dessa idade, os companheiros se tornam, além dos adultos, importantes elementos de referência de aceitação

espontaneidade, alegria, soc Podemos a esse respeito leva características comportamenta uma baixa atratividade físic anulariam uma alta atratividade seria tão grande que o julgam física poderia, através de um realizadora - em larga medida a concretização da expectativa pessoas consideradas pouco possibilidade de mostrar suas positivas. Embora essas hipóte diretamente através de estudo possibilitam determinar a procuramos no presente trabalh comportamentais estão, de alg percepção de atratividade. A estudada, como demonstram Ashmore, Makhijani & Long Entretanto, nos poucos estu desenvolvimento infantil que atratividade física tem sido co características comportamentais como variável independente, da a fazer na presente investigaç impressões iniciais de diversos e não familiarizados com as cri e da própria criança.

De forma sintética, os o presente trabalho foram: (1) i escolhas sociométricas de pré-comportamentais atribuídas pel de atratividade física de diferent se relacionam os julgamento de avaliadores com diferentes g as crianças e se as avaliações associadas ao autoconceito das

garantindo que, em nenhum momento, divulgaríamos a identidade das crianças.

Como a avaliação de raça é uma questão extremamente complexa, especialmente em países como o Brasil em que a diversidade e miscigenação de etnias é considerável (Guimarães, 2000), optamos por solicitar a três juízas de nível universitário, que se consideraram brancas e a três juízas do mesmo nível de instrução, que se avaliaram como pretas ou pardas que julgassem a cor das crianças através de fotos, segundo os critérios do IBGE (branca, preta, parda, amarela, outra). Como a correlação de Pearson entre as juízas brancas e pretas/pardas foi muito alta ( $r=0,892$ ;  $p<0,001$ ), optou-se por categorizar as crianças de acordo com a classificação predominante no conjunto dos seis julgamentos. Ao final, 24 crianças foram consideradas brancas (62%), 14 pretas ou pardas (36%) e uma, amarela (2%).

O total de crianças avaliadas pelos adultos não familiarizados foi 39 crianças, pois não conseguimos fotografar um dos participantes que deixou de comparecer à creche no final do estudo.

## Procedimento

### *Avaliação de Atratividade Física*

As crianças foram avaliadas quanto à atratividade física por três observadoras adultas que conviveram com elas durante 4 meses, coletando dados para esta e outras pesquisas e por três juízas também adultas que não as conheciam. Esse último grupo avaliou-as através de um par de fotografias de cada criança, contendo uma foto dela séria e outra, sorrindo. As fotografias foram tiradas no mesmo local, no pátio da creche e repetidas caso a criança não se mostrasse muito à vontade. As juízas eram mulheres adultas, brancas e com nível universitário. A escala utilizada pelos dois grupos se baseava nas seguintes categorias: 1- *Nada atraente*; 2- *Pouco atraente*; 3- *Medianamente atraente*; 4- *Atraente*; 5- *Muito atraente*. Para possibilitar um agrupamento das crianças em três categorias, distribuíram-se os cinco escores em três grupos: pouco

escores dos três juízes: de 3,00 a 3,99) (valores médios dos escores dos três juízes). A porcentagem de crianças incluídas em cada categoria encontra-se na Tabela 1.

As crianças também foram avaliadas por três colegas, pedindo-se que nomeassem a criança que consideravam mais bonito e o menos bonito. As entrevistas individuais em que foram feitas as avaliações de atributos comportamentais (descritas no capítulo 3) da criança obteve um escore correspondente ao número de vezes que foi citada em cada categoria.

Por fim, foram realizadas auto-avaliações em que as crianças puderam manifestar-se a respeito de sua atratividade física, escolhendo uma de três opções: não atraente, mais ou menos ou muito atraente. Os participantes se julgaram apenas muito pouco medianamente atraentes. Foram computadas as respostas de 35 participantes, pois quatro deles não responderam à creche no período da respectiva coleta de dados. Um disse não saber classificar-se.

### *Avaliação de Preferência Social: Índices Sociais*

Perguntava-se a cada criança: “qual o nome da criança que você mais gosta?”. Em seguida, perguntava-se: “e depois deste (a), de quem você mais gosta?”. Na segunda citação, a última pergunta era: “qual o nome da criança que se obtivessem os três colegas, qual participante mais gostava?”. Perguntava-se também: “me diga qual o (a) colega de quem você mais gosta?”. A repetição repetia-se o procedimento até se obterem respostas negativas. As crianças, em geral, tiveram dificuldade em citar os colegas de quem menos gostavam. Os participantes citaram apenas um ou dois colegas como companheiros de que mais ou de que menos gostavam, declarando não haver mais nenhuma criança com quem se relacionava. Nesses casos, foram computadas as respostas dos colegas citados. Foram computadas as respostas e positivas que cada criança recebeu, obtendo-se assim o índice de preferência social de cada criança.

#### *Avaliação de Competência e Aceitação Percebidas*

Adotamos a *Escala Ilustrada de Competência e Aceitação Social Percebidas para Crianças* (EICASP), desenvolvida por Harter e Pike (1983). Essas autoras criaram quatro escalas que avaliam: Competência Cognitiva (Ex.: saber fazer um quebra-cabeça), Competência Física (Ex.: escalar trepa-trepa), Aceitação por Companheiros (Ex.: ter muitos amigos) e Aceitação pela Figura Materna (Ex.: mãe que brinca com a criança).

Para cada item havia um par de figuras, ilustrando uma criança mais e outra menos competente em um dado atributo. O participante devia escolher a figura da criança do par que achava mais parecida consigo mesmo. A seguir, ele avaliava se a criança da figura escolhida era muito ou pouco parecida consigo mesmo. Os examinadores atribuíram um escore de 1 a 4 para cada item: 1 – *Escolha da figura menos competente com círculo maior (muito parecida)*; 2 – *Figura menos competente com círculo menor (pouco parecida)*; 3 – *Figura mais competente com círculo menor (pouco parecida)*; 4 – *Figura mais competente com círculo maior (muito parecida)*. Portanto, 4 era o escore máximo da criança que se achava muito competente em determinado atributo. Ao final, obteve-se uma pontuação média para cada escala e um escore médio total para cada participante. Foram utilizados dois conjuntos de pranchas: um para meninas e outro para meninos.

#### *Avaliação de Atributos Comportamentais*

As crianças foram também avaliadas pelos colegas quanto a atributos comportamentais. Para isto, utilizou-se um instrumento, adaptado a partir de Morais, Otta e Scala (2001), composto por quatro pranchas com figuras de crianças que ilustravam diferentes características comportamentais: ajuda/atrapalha, briga/não briga, alegre/triste e sociável/não sociável. Cada prancha ilustrava à esquerda uma das ações, como “ajuda os colegas”, sendo realizada por meninos e meninas e à direita, a ação antagônica

correspondente, como “atrapalha os colegas”. A avaliação também realizada por meninos e meninas. Um exemplo, à parte esquerda da prancha, foi a seguinte: “ajuda os colegas”. O comentário: “Estas crianças ajudam os colegas? O seu colega seu/sua que se parece com ele/ela, ele/ela da classe é assim?” Repetiu-se o mesmo procedimento para as características investigadas. Cada participante indicou a frequência em que foi citada cada característica.

Ao final da entrevista, cada participante recebeu o respeito da confidencialidade e a garantia de que ela não discutisse a entrevista com ninguém.

## **Resultados**

#### *Correlação entre Avaliações de Atratividade por Adultos, de Colegas e da Própria Criança*

A Tabela 2 mostra a correlação entre as avaliações de atratividade calculados a partir das respostas dos adultos familiarizados e não familiarizados. Encontrou-se correlação positiva entre as avaliações dos adultos familiarizados e não familiarizados. Apesar disso, não houve diferença entre as avaliações dos adultos familiarizados e aquelas do grupo de colegas. A correlação entre as avaliações dos adultos familiarizados e as dos colegas não foi significativa com os índices de atratividade. Portanto, optamos por fazer análises de correlação entre as avaliações de adultos (familiarizados e não familiarizados) e as das crianças). Os demais resultados foram os esperados, pois decorrem da forte correlação de atratividade (número de indicações de atratividade) e menos o número de indicações de atratividade. Assim, a avaliação dos colegas não influenciou a avaliação de atratividade correlacionaram-se positivamente a correlação negativa entre avaliações de atratividade atraentes e o índice de atratividade

### Escolhas Sociométricas em Função de Atratividade Física

#### *Atratividade Avaliada por Adultos*

##### a) *Não familiarizados com as crianças*

O teste de MANOVA não revelou efeitos estatisticamente significativos de sexo, nem de categorias de atratividade física, conforme julgamento por parte de adultos não familiarizados com as crianças sobre os indicadores sociométricos.

##### b) *Familiarizados com as crianças*

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa dos indicadores sociométricos obtidos pelo julgamento dos colegas em função das categorias de atratividade física avaliada pelos adultos a elas familiarizados,  $\text{Lambda de Wilks} = 0,582$ ,  $F(4,66) = 5,124$ ,  $p < 0,01$ . Testes univariados subsequentes revelaram diferenças significativas quanto a escolhas positivas,  $F(2,34) = 6,143$ ,  $p < 0,01$ , escolhas negativas,  $F(2,34) = 4,124$ ,  $p < 0,05$  e preferência social  $F(2,34) = 10,067$ ,  $p < 0,001$ . Comparações dois-a-dois através do teste de Tukey revelaram que as crianças consideradas pouco atraentes foram alvo de um menor número de escolhas positivas,  $p < 0,01$ , maior número de escolhas negativas,  $p < 0,05$ , e tiveram escores de preferência social mais baixos,  $p < 0,001$ , em comparação com as tidas como muito atraentes. As crianças consideradas medianamente atraentes foram alvo de um menor número de escolhas positivas,  $p < 0,05$ , do que as avaliadas como muito atraentes. Quando comparadas com as vistas como pouco atraentes, as consideradas medianamente atraentes receberam menos escolhas negativas e tiveram maior escore de preferência social ( $p < 0,05$ ). A Figura 1 representa as médias dos índices sociométricos em função de atratividade conforme avaliação de adultos familiarizados com as crianças.

O teste de MANOVA não revelou efeito global significativo de sexo, nem de interação entre sexo e categorias de atratividade física.

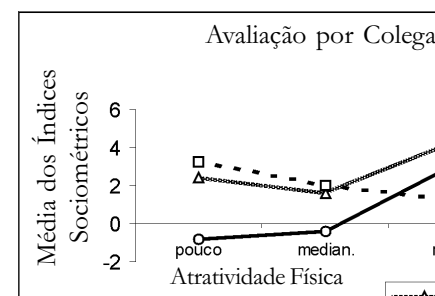
#### *Atratividade Avaliada pelos Colegas*

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa dos indicadores sociométricos obtidos pelo julgamento dos colegas em função das categorias de atratividade física avaliada pelos adultos a elas familiarizados,  $\text{Lambda de Wilks} = 0,624$ ,  $F_{4,66} = 4,386$ ,  $p < 0,01$ . Testes univariados subsequentes revelaram diferenças significativas quanto a escolhas positivas ( $F_{2,34} = 5,400$ ,  $p < 0,01$ ), escolhas negativas ( $F_{2,34} = 3,273$ ,  $p < 0,05$ ) e a preferência social ( $F_{2,34} = 3,273$ ,  $p < 0,05$ ). Comparações dois-a-dois através do teste de Tukey revelaram que as crianças avaliadas como pouco atraentes foram alvo de um maior número de escolhas negativas ( $p < 0,05$ ), tenderam a ser alvo de um menor número de escolhas positivas ( $p < 0,10$ ) e apresentaram menor escore de preferência social ( $p < 0,01$ ) em comparação com as consideradas medianamente atraentes (Figura 2). Além disso, as consideradas medianamente atraentes foram alvo de um maior número de escolhas positivas ( $p < 0,01$ ) e tiveram escores de preferência social mais baixos ( $p < 0,01$ ) do que as consideradas muito atraentes.

O teste de MANOVA não revelou diferença global significativa de sexo nem de interação entre sexo e categorias de atratividade física.

#### *Auto-avaliação de beleza*

Foi detectado efeito multivariado significativo de sexo entre auto-avaliação de atratividade física e indicadores sociométricos ( $\text{Lambda de Wilks} = 0,668$ ;  $p < 0,05$ ).



### Julgamento de Características Comportamentais por Parte de Colegas em Função de Atratividade Física

#### Atratividade Avaliada por Adultos

##### a) Não familiarizados com as crianças

O teste de MANOVA não revelou efeitos estatisticamente significativos de categorias de atratividade física conforme julgamento por parte de adultos não familiarizados com as crianças sobre os atributos comportamentais.

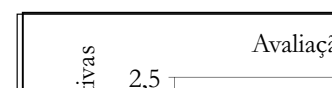
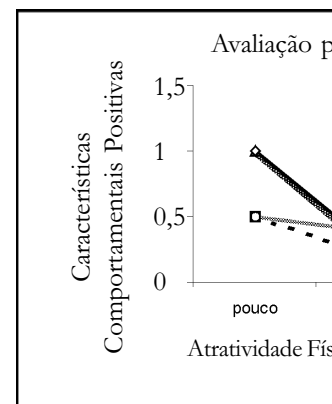
##### b) Familiarizados com as crianças

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa das características comportamentais atribuídas por colegas em função das categorias de atratividade física avaliada pelos adultos familiarizados com as crianças ( $\text{Lambda de Wilks} = 0,372, F_{16,60} = 2,400, p < 0,01$ ). Testes univariados subsequentes revelaram diferenças significativas quanto à Não-agressividade ( $F_{2,37} = 6,569, p < 0,01$ ) e quanto à Sociabilidade ( $F_{2,37} = 6,286, p < 0,01$ ). Comparações dois-a-dois através do teste de Tukey revelaram que as crianças avaliadas como muito atraentes foram consideradas menos agressivas e mais sociáveis do que as vistas como pouco atraentes ( $p < 0,01$ ). Já as crianças apreciadas como muito atraentes, quando comparadas às percebidas como medianamente atraentes, foram julgadas como mais sociáveis ( $p < 0,05$ ) e tenderam a ser avaliadas como menos agressivas ( $p = 0,06$ ). A Figura 3 apresenta as médias dos diversos parâmetros comportamentais em função da atratividade conforme avaliação de adultos familiarizados com as crianças.

#### Atratividade Avaliada pelos Colegas

O teste de MANOVA revelou diferença global significativa dos atributos comportamentais em função das categorias de atratividade física avaliada pelos colegas ( $\text{Lambda de Wilks} = 0,283, F_{16,60} = 3,300, p < 0,001$ ). Testes univariados subsequentes revelaram diferenças significativas quanto a

características comportamentais (Atratividade Média = 1,0,  $F_{2,37} = 3,788, p < 0,05$ ), Alegria ( $F_{2,37} = 9,682, p < 0,01$ ), Não-agressividade ( $F_{2,37} = 9,682, p < 0,01$ ), Perturbador ( $F_{2,37} = 7,919, p < 0,01$ ), Agressividade ( $F_{2,37} = 7,919, p < 0,01$ ), Social ( $F_{2,37} = 3,727, p < 0,05$ ). Crianças avaliadas como muito atraentes foram consideradas pouco atraentes, e crianças avaliadas como pouco atraentes, foram consideradas muito atraentes, foram avaliadas como menos atraentes, mais isoladas, mais agressivas ( $p < 0,01$ ). Com relação às crianças avaliadas como medianamente atraentes, as crianças avaliadas como pouco atraentes foram avaliadas como mais agressivas, mais perturbadoras ( $p < 0,01$ ) e mais isoladas. Crianças tidas como muito atraentes foram avaliadas como mais colaboradoras, mais alegres, mais sociáveis e mais sociáveis ( $p < 0,01$ ) e menos medianamente atraentes. A Figura 3 apresenta as médias das características comportamentais em função de atratividade física.





*Auto-avaliação de beleza*

Não foi detectado efeito multivariado significativo do julgamento de características comportamentais por parte dos colegas em relação à auto-avaliação de atratividade física.

*Competência e Aceitação Social Percebidas em Função de Atratividade Física*

Encontrou-se efeito multivariado significativo da auto-avaliação de atratividade física sobre os escores obtidos através da *Escala Ilustrada de Competência e Aceitação Social Percebidas para Crianças* de Harter e Pike (1980, 1983) ( $\Lambda$  de Wilks = 0,706,  $F_{4,30} = 3,125, p < 0,05$ ). Análises univariadas revelaram efeitos significativos para Aceitação por Companheiros ( $F_{1,33} = 8,527, p < 0,01$ ), Aceitação Materna ( $F_{1,33} = 7,477, p < 0,01$ ), Competência Física ( $F_{1,33} = 5,317, p < 0,05$ ) e Competência Cognitiva ( $F_{1,33} = 7,959, p < 0,01$ ). A Tabela 3 mostra que as crianças que se auto-avaliaram como atraentes também se consideraram mais aceitas pelos companheiros e pela mãe e se perceberam como mais competentes física e cognitivamente do que as que se avaliaram como medianamente atraentes.

Não foram encontrados efeitos das avaliações de atratividade física por parte de adultos não familiarizados, adultos familiarizados, nem de colegas sobre os escores obtidos através da EICASP.

*Relações entre Avaliações de Atratividade Física e a Classificação de Raça/cor/etnia da Criança*

Para verificar se diferenças nas avaliações de atratividade estavam associadas a cor/raça/etnia, utilizaram-se testes de qui-quadrado. As avaliações dos colegas não foram influenciadas pela variável cor/raça/etnia, ou seja, a distribuição de brancos e pretos/pardos nas três categorias de atratividade (muito, medianamente e pouco atraentes) conforme avaliação dos colegas, não apresentou diferenças estatisticamente significativas. Nesta análise, o parâmetro utilizado foi a subtração do número de citações como

Efetuamos uma análise adicional at qui-quadrado, para verificar se haveria um efeito de cor/raça/etnia das crianças considerarem mais atraentes os colegas da mesma cor/raça/etnia e, para isso, registrou-se a cor/raça/etnia de qual foi a raça do colega nomeado como mais atraente. Novamente, nenhuma relação significativa foi encontrada.

No caso das juízas adultas, foram encontrados efeitos multivariados significativos, indicando que mais crianças foram avaliadas como atraentes do que pretas/pardas e brancas. As juízas estranhas ( $X^2 = 12,40; g^2 = 4; p < 0,01$ ) e as juízas familiarizadas ( $X^2 = 16,47; g^2 = 4; p < 0,01$ ) também apresentaram efeitos significativos.

**Discussão**

Nossos resultados indicam que os efeitos da atratividade física e da atratividade social sobre as avaliações de atratividade foram afetados pelas avaliações de características comportamentais das crianças. As avaliações de atratividade dos adultos não foram influenciadas pelas avaliações de atratividade das crianças, nem estiveram correlacionadas com as dos adultos. Os efeitos de atenção e a desses últimos com as avaliações dos adultos não foram significativos. A ausência de efeitos de atenção a não-transitividade, ou seja, a ausência de efeitos significativos entre adultos não familiarizados e familiares, é possível considerar que o elemento familiarizado foi mais relevante do que as avaliações de adultos que conhecem as crianças. Pode-se supor que os julgamentos de atratividade das crianças nesses casos tenham sido também influenciados pelas características comportamentais das crianças.

Por sua vez, a correlação entre as avaliações de atratividade independentemente da familiarização, por parte dos adultos, e os efeitos mais ligados a fatores estritamente familiares, atuando nos adultos familiarizados, e que foram mais amenizados no grupo de colegas, sugerem que a familiarização seria preponderante. Alternativamente, se-ia pensar em pontos de vista comuns entre os avaliadores. O fato dos juízes serem todos adultos. Entretanto, o fator etário parece não ter sido suficiente para explicar a correlação entre adultos familiarizados e não familiarizados.

A ausência de efeito da variável cor/raça/etnia das crianças sobre as avaliações de atratividade

suposição de predomínio do efeito das características comportamentais sobre tais julgamentos. Podemos supor ou que as crianças não tenham ainda assimilado da cultura os estereótipos associados à cor da pele e a características de raça/etnia, ou que a familiaridade e a convivência tenham atenuado seu efeito. O presente trabalho aponta na direção da suposição de que, para crianças pequenas o peso da variável atratividade é maior do que o da cor/raça/etnia. Estes dados são parcialmente reforçados pelo estudo de Langlois e Stephan (1977), que sugerem que “os estereótipos associados à atratividade física são determinantes mais fortes da preferência por companheiros e de atribuições de características comportamentais do que os estereótipos étnicos” (p. 1694).

Verificamos que as juízas, todas mulheres brancas, consideraram mais atraentes as crianças de sua cor. Embora reconheçamos que a opinião de adultos seja um dos fatores que podem influenciar as relações criança/criança, não nos estenderemos na discussão do fenômeno de estereótipos de cor/raça/etnia em adultos, por não se tratar do escopo do presente trabalho, cujo foco foi direcionado para a interação entre as crianças. Consideramos, contudo, que a presença de estereótipos revelada nas escolhas das juízas adultas é um dado tão relevante que requer estudos específicos, em que seja considerado o julgamento de homens e mulheres de diferentes etnias, em maior número, com diferentes graus de convivência com as crianças e dentro dos diversos segmentos sociais.

As adultas não familiarizadas foram as únicas a avaliarem fotos. O fato de, ainda assim, haver correlação com a avaliação das adultas familiarizadas reforça a possibilidade de efeitos estritamente estéticos. Contudo, não se deve desprezar a possibilidade de as fotos retratarem, em algum nível, índices de ajustamento comportamental, que poderiam, intuitivamente, estar sendo utilizados no processo de avaliação, ainda mais se considerarmos que os julgamentos foram baseados em duas fotos das crianças, uma com a face séria e a outra com a face sorridente.

sistemáticos marcam de muita pessoa (Andersen, 1999; Ecto comportamentais” apresenta dúvida, revelaram também ind crianças e foram supostamente dos adultos não familiarizados

A ligação entre julgamen preferência social e de atratividade segunda e terceira partes dos r pesquisa. Os colegas indicado mais ajudavam, menos agrediam e mais alegres foram tam considerados mais apreciados que o procedimento era iniciado de crianças em ação, semp atrapalhando, sempre sociáveis por diante, pedindo-se para o su se parecia com elas, dentre os 40 a ações concretas de ajudar, atra ser sociável, ficar isolada e mos

Os resultados denotam ligação de atratividade e avaliação estabelecidas em crianças de associação, a literatura tem salientado estereótipo da beleza. A me (1992) concluiu que pessoas com necessariamente o que parecem de *ballo* da beleza, baseando-se em tenderem a ser percebidas por sociáveis, dominantes, saudáveis, habilidosas, embora tenham si baixas entre atratividade e me capacidade mental. Feingold le correlações reais serem derivadas possíveis diferenças comportam e não atraentes ou seriam engan desses enganos, gerados pelos modelos de expectativa/profess

O temor dos efeitos perniciosos dos preconceitos e estereótipos tem nos impedido de considerar que os erros de avaliação são facetas de um processo humano de reconhecimento e de avaliação do outro, que precisa ser mais bem entendido. Tem também restringido as interpretações sobre a beleza como limitada a essa classe de fenômenos, embora existam razões para supormos tratar-se de algo fundamental, revelado não só no que é universal no julgamento estético, mas também no que é peculiar nas culturas (Queiroz & Otta, 1999).

Nem sempre os “enganos” relacionados à auto-avaliação de atratividade são danosos. O fato de, na presente pesquisa, as crianças terem apresentado uma auto-avaliação de atratividade mais favorável do que a dos demais juizes, dentro desta linha, poderia representar um engano ajustado, adaptativo, no sentido de propiciar uma auto-profecia realizadora mais positiva. Semelhantemente aos dados encontrados neste estudo, Feingold (1992) verificou em sua meta-análise uma correlação baixa de 0,24 entre atratividade física atribuída por juizes externos e auto-avaliação de atratividade física. Analisando a questão do autoconceito em crianças de idade pré-escolar, Harter e Pike (1984) constataram pouca correspondência entre a auto-imagem que a criança tem de si e a imagem que dela têm seus pares, familiares e professores. Esse desacordo levou as autoras a considerarem que a criança, ao se avaliar, confunde, ou, pode-se supor, leva em conta mais sua auto-imagem ideal que a real. A dificuldade da criança pequena em julgar a competência de seu próprio desempenho pode ser adaptativa em alguns contextos. As crianças que superestimam suas próprias habilidades podem experimentar uma maior diversidade de habilidades, deixando de perceber seu desempenho “menos que perfeito” como um fracasso (Bjorklund, 1997; Bjorklund & Pellegrini, 2000). O único resultado significativo quanto às diferenças entre os sexos refere-se ao menor número de escolhas negativas recebidas pelas meninas que se auto-avaliaram como atraentes. A ausência desse efeito nos

especialmente se considerarmos que o processo de avaliação em situações concretas relembra as situações de avaliação (Ashmore, Makhijani e Longo (1991), em que o estereótipo de atratividade física, o efeito “quem é bonito é bom” torna-se mais saliente, o que aumenta o grau de informações sociais que está sendo julgada. O peso de um item de avaliação determinante de um julgamento torna-se mais saliente em que um número maior de itens é levado em consideração.

É evidente que a análise da relação entre auto-avaliação e comportamento exigiria a consideração de uma observação de comportamento, que seria mais adequada, realizada, como parte de um estudo mais abrangente em andamento.

Ao dizer que efeitos de *halo* podem ocorrer em diferentes sentidos, pode-se ficar tentado a encará-los como dois casos, como decorrentes de dois processos diferentes: duas coisas sejam possíveis, convém considerar que a aparência pode efetivamente revelar o que está por trás, em que as avaliações não deveriam ser consideradas como enganos estereotipados, mas sim como avaliações justificadas. Somos atraídos por um objeto que julgamos belo, mas que pode ser considerado como belo que vão além do estritamente estético, o que pode ser considerado como belo, este estritamente estético for entendido como um aspecto anatômico e independente de fatores psicológicos. É muito provável que sejamos especialmente atraídos por indicadores de ajustamento que podem ser percebidos na aparência. Nos estudos de beleza dentro do contexto de atração sexual, há indicadores da conexão entre determinados traços de beleza com a capacidade reprodutiva (Queiroz & Otta, 1999; Larsen, 1999; Singh, 1993). De modo semelhante, se-ia pensar na ligação entre alguns aspectos da aparência percebida com ajustamento psicológico, abordada num sentido mais amplo – como indicador de ajustamento psicológico, que servem como pistas para o reconhecimento de um indivíduo como atraente.

sincronização e espelhamento de expressões apresentadas por recém-nascidos (Bussab & Ribeiro, 1998). A preferência dos bebês por faces consideradas atraentes por adultos (Langlois & cols., 1991; Langlois & cols., 1987; Slater & cols., 1998) denota, por sua vez, aspectos adaptativos básicos do julgamento estético. A presença das associações entre afeto, atratividade e julgamentos de comportamento nas crianças de cinco anos do presente estudo reafirma esse processo como essencial ao relacionamento humano e reitera a importância de sua compreensão.

## Referências

- Adams, G. R. & Crane, P. (1980). An assessment of parents' and teachers' expectations of preschool children's social preference for attractive or unattractive children and adults. *Child Development*, 51, 224-231.
- Atili, G. (1990). Successful and disconfirmed children in the peer group: Indices of social competence within an evolutionary perspective. *Human Development*, 33, 238-249.
- Andersen, P. A. (1999). *Nonverbal communication: Forms and functions*. Mountain View, California: Mayfield.
- Berger, C. R. & Calabrese, R. J. (1975). Some explorations in initial interaction and beyond: Toward a theory of interpersonal communication. *Human Communication Research*, 1, 99-112.
- Bjorklund, D. F. (1997). The role of immaturity in human development. *Psychological Bulletin*, 122, 153-169.
- Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (2000). Child development and evolutionary psychology. *Child Development*, 71, 1687-1708.
- Brown, R. W. (1986). *Social Psychology*. New York: Free Press.
- Bussab, V. S. R. & Ribeiro, F. J. L. (1998). Biologicamente cultural. Em L. Souza, M. F. Q. Freitas & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes* (pp. 175-193). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cavior, N. & Howard, L. R. (1973). Facial attractiveness and juvenile delinquency among black and white offenders. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 1, 202-213.
- Chia, R. C., Allred, L. J., Grossnickle, W. F. & Lee, G. W. (1998). Effects of attractiveness and gender on the perception of achievement-related variables. *The Journal of Social Psychology*, 138, 471-477.
- Coie, J. D., Dodge, K. A. & Coppotelli, H. (1982). Dimensions and types of social status: A cross-age perspective. *Developmental Psychology*, 18, 557-570.
- Darley, J. M. & Fazio, R. H. (1980). Expectancy confirmation processes arising in the social interaction sequence. *American Psychologist*, 35, 867-881.
- Dermer, M. & Thiel, D. L. (1975). When beauty may fail. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31, 1168-1176.
- Furnham, A. (1989). Friendship and perception. Em S. S. Tomaselli (Orgs.), *The dialectic of social interaction*. Routledge.
- Guimarães, A. S. A. (2000). Apresentação. Em S. S. A. Guimarães & H. Huntley (Orgs.), *Tirando a máscara: O processo de construção da identidade* (pp. 17-30). São Paulo: Paz e Terra.
- Harris, M. J. & Rosenthal, R. (1985). Meta-analyses. *Psychological Bulletin*, 98, 1-11.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self*. The Guilford Press.
- Harter, S. & Pike, R. (1980). *The Pictorial Scale of Social Acceptance for Young Children. Plates for girls and boys*. Colorado: University of Denver.
- Harter, S. & Pike, R. (1983). *The Pictorial Scale of Social Acceptance for Young Children. Plates for girls and boys*. Colorado: University of Denver.
- Harter, S. & Pike, R. (1984). The Pictorial Scale of Social Acceptance for Young Children. *Child Development*, 55, 1969-1982.
- Hatzichristou, C. & Hopf, D. (1996). The role of peer sociometric status groups in child development. *Child Development*, 67, 1085-1102.
- Hess, E. H. (1965). Attitude and pupil behavior. *Child Development*, 36, 110-119.
- Hess, E. H. (1975). The role of pupil behavior in interpersonal attraction in children. *American Journal of Orthodontics*, 68, 110-119.
- Kleck, R., Richardson, S. A. & Ronald, D. (1988). The role of pupil behavior in interpersonal attraction in children. *American Journal of Orthodontics*, 94, 110-119.
- Knapp, M. L. & Hall, J. A. (1972 / 1999). *Nonverbal communication in human interaction* (M. A. L. Barros, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (publicado em 1972).
- Langlois, J. H. & Stephan, C. (1977). The role of ethnicity on children's beauty preferences. *Child Development*, 48, 110-119.
- Langlois, J. H., Ritter, J. M., Ruggman, L. A., Casey, R. & Jenkins, V. Y. (1987). Infant preferences for facial features: diversity and infant preferences. *Psychology*, 27, 79-84.
- Langlois, J. H., Ruggman, L. A., Casey, R., Giammarco, T. M. & Jenkins, V. Y. (1987). Infant preferences for facial features: Rudiments of a stereotype? *Developmental Psychology*, 23, 110-119.
- Lewin, R. (1999). *Evolução humana* (D. M. P. Rodrigues, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (publicado em 1998).
- Lopes, V. N. (1999). Racismo, preconceito e discriminação. Em S. S. A. Guimarães (Org.), *Superando o racismo na escola* (pp. 1-11). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Morais, M. L. S., Otta, E. & Scala, C. (2000). Características comportamentais de crianças de pré-escolares. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 23, 110-119.
- Mussen, P. H., Conger, J. J. & Kagan, J. (1954). *Infantile behavior*. México: Trillas.
- Parke, R. D., O'Neil, R., Spitzer, S. L. & Zuckerman, M. (1975). The role of pupil behavior in interpersonal attraction in children. *American Journal of Orthodontics*, 68, 110-119.

- Singh, D. (1993). Adaptive significance of female physical attractiveness: Role of waist-to-hip ratio. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 293-307.
- Slater, A., Von der Schulenburg, C., Brown, E., Badenoch, M., Buttleworth, G., Parsons, S. & Samuels, C. (1998). Newborn infants prefer attractive faces. *Infant Behavior and Development*, 21, 345-354.
- Stass, W. & Willis Jr., F. N. (1967). Eye contact, pupil dilatation, and personal preference. *Psychonomic Science*, 7, 375-376.
- Verschueren, K. & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergarteners: Differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development*, 70, 183-201.

Wheeler, L. & Kim, Y. (1997). What is beautiful is physical attractiveness stereotype has different cultures. *Personality and Social Psychology Bulletin*,

#### Sobre as autoras

**Cristina Landgraf Lee-Manoel** é Licenciada em Educação Física pela EEFEEUSP, Mestre em Ciências do Esporte pela Universidade de Loughborough, Inglaterra e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Maria de Lima Salum e Moraes** é Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação nas áreas de Educação e Saúde Pública, Mestre e Doutoranda em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Vera Silvia Raad Bussab** é Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação na área de Etologia. Professora Doutora do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Emma Otta** é Psicóloga formada pelo IPUSP, com atuação na área de Etologia. Professora Associada, Livre-Docente, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental e Chefe do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.